



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Vanessa Carneiro Santos

LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS À LUZ DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Palmas – TO

2019

Vanessa Carneiro Santos

LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE
MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS À LUZ DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Ruth do Padro Cabral.

Palmas – TO

2019

Vanessa Carneiro Santos

LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE
MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS À LUZ DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Ruth do Padro Cabral.

Aprovado em: ____/____/____

Profa. Me Ruth do Padro Cabral

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a Me Thaís Moura Monteiro

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a Me. Milena Alves de Carvalho Costa

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Palmas – TO

2019

Dedico este trabalho a todas as mulheres que tiveram em sua história de vida contato com uma relação abusiva, sendo ela amorosa ou não. Dedico ainda a todas mulheres que de alguma forma ainda não conseguiram se desvencilhar desses relacionamentos, e tiveram a sua vida afetada por essa vivência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força para chegar até aqui e sempre abriu caminhos mesmo quando eu duvidava. Agradeço imensamente ao meu pai Baltazar Pereira que sempre me incentivou nos estudos e nunca deixou me esquecer que o conhecimento é a única coisa que ninguém pode nos tirar. E muito obrigada a minha mãe Maria Vanuzia, por sempre ser meu exemplo de força, obrigada por ter acreditado em mim e nunca ter deixado eu desistir, obrigada pelo cuidado e afeto diário, por nunca ter soltado a minha mão mesmo quando eu pedi. Você sempre será a mulher da minha vida. Agradeço ainda as minhas irmãs Vitória Cristian e Viviany D' Cristian que me suportaram todos esses anos, sempre apoiaram minhas decisões e foram fonte de reflexões e de luta contra o patriarcado.

Agradeço a minha orientadora Ruth Cabral que me apresentou além do que a academia pode nos proporcionar, sempre acreditou no meu potencial, me ensinou sobre afeto e assertividade, e acima de tudo me apresentou a luta feminista com o seu olhar único e empático. Agradeço imensamente as participantes do meu estudo que voluntariamente se dispuseram a compartilhar suas vivências e assim ajudar outras mulheres, saiba que sem vocês essa pesquisa não seria possível. Agradeço ainda a banca examinadora que é composta pela prof.a Me Thais Moura e prof.a Me. Milena Alves mulheres empoderadas que abraçaram a pesquisa e ajudaram a torna-la possível.

As minhas amigas que sempre tiveram presentes em boa parcela dessa etapa da minha vida, saiba que sem vocês esse ciclo não seria o mesmo. A Nina Silva que sempre com sua bondade infinita me ajudou a seguir em frente, me ouviu quando precisei e mesmo em meio ao turbilhão de emoções que nos encontramos sempre me aceitou e me acolheu, muito obrigada por existir na minha vida amiga; A Ingrid Sousa que me acolheu sempre com afeto e passividade; A Vanessa Dias que me ensinou a nunca desistir dos meus objetivos, a sua garra me inspira a ser melhor todos os dias; agradeço ainda, ao meu amigo Hugo Henrique que sempre tentou arrancar um sorriso meu nos piores e nos melhores momentos, que sempre me ouviu principalmente nos dias de surtos, saiba que sem você eu não teria crescido tanto nos últimos anos. Agradeço ao meu amigo Breno Gomes que sempre topou embarcar nas minhas aventuras, me ouviu e sempre me deu os melhores conselhos. Agradeço ainda ao meu amigo Rodrigo que entrou a pouco tempo na minha vida mas que me conquistou de uma maneira inimaginável, obrigada pela escuta, pelo carinho e principalmente por sua amizade, ela é muito importante para mim. Deixo meus agradecimentos a amiga Rafaela que sempre com afeto e empatia me acolheu e me ajudou quando mais precisei.

Deixo aqui o meu agradecimento especial a minha melhor amiga Giseli Gonçalves que esteve comigo durante todos esses anos, que me acolheu e me ensinou o verdadeiro significado de amizade. Agradeço pelo companheirismo e pelo afeto, por sempre aguentar meus surtos e ser sempre uma escuta ativa. Sem você provavelmente eu não estaria aqui escrevendo esse TCC e ressignificando a minha vivência no passado.

Agradeço ainda a minha prima Paloma Guerra que foi fonte de inspiração para a realização dessa pesquisa, além de ser sempre meu porto seguro, sempre me ouvir, me apoiar, sempre admirei a sua força e resiliência, eu te amo muito e você sempre será uma irmã e parceira. Saiba que da nossa vivência nasceu esse trabalho e ele vai ajudar muitas mulheres.

Agradeço a minha amiga Mariana que foi rede de apoio quando achei que minha vida tinha acabado, amiga você segurou minha mão, abriu meus olhos e quando mais ninguém quis me ouvir ali estava você com uma escuta ativa e empática. Se hoje eu tô aqui escrevendo esse trabalho é graças a você que um dia me ajudou a me desvencilhar de um relacionamento abusivo.

RESUMO

Sabe-se que as mulheres estão em constante exposição a qualquer tipo de violência, principalmente advindas do/da seu/sua companheiro/ companheira. Violência essas que podem ser de cunho físico, psicológico, sexual, moral e patrimonial. É sabido que muitas mulheres que já sofreram algum tipo de violência em seus relacionamentos não denunciam seus agressores, e algumas delas ainda permanecem na relação. Diante dessa realidade, o presente trabalho teve como objetivo identificar as possíveis variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Nessa perspectiva, tratou-se de um estudo qualitativo, aplicado em campo, descritivo, com levantamento de campo, a fim de obter relatos de mulheres que experienciaram em sua história de vida relacionamentos abusivos. A partir dos dados coletados, foi realizada a categorização e análise tendo por base o referencial da Análise do Comportamento, especificamente a Análise Funcional como ferramenta para compreensão de tais dados. Como resultados, foram identificadas variáveis que condiciona a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos, sendo elas a culpa, esperança pela mudança do comportamento do(a) parceiro(a), dependência emocional. Outro dado relevante refere-se à cultura do machismo que está impregnado na forma de as mulheres se relacionarem. Foi possível levantar ainda as consequências advindas da vivência a uma relação abusiva, sendo elas a autoestima destruída, esgotamento emocional, ansiedade e insegurança. A realização dessa pesquisa contribui para compreensão dos fenômenos relacionados a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, fomentando debates acerca do assunto.

Palavras-chave: Violência. Relacionamento Abusivo. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

It is known that women are in constant exposure to any type of violence, especially from their partner. These violence can be physical, psychological, sexual, moral and patrimonial. It is well known that many women who have experienced violence in their relationships do not report their abusers, and some of them still remain in the relationship. Given this reality, the present work aimed to identify the possible variables that affect the permanence of women in abusive relationships. From this perspective, it was a qualitative, field-based, descriptive study with field survey, in order to obtain reports of women who experienced abusive relationships in their life history. From the collected data, data were categorized and analyzed based on the Behavior Analysis framework, specifically Functional Analysis as a tool for understanding such data. As a result, variables were identified that condition women's permanence in abusive relationships, such as guilt, hope for change in partner behavior, emotional dependence. Another relevant data refers to the culture of machismo that is impregnated in the way women relate. It was also possible to raise the consequences of experiencing an abusive relationship, such as destroyed self-esteem, emotional exhaustion, anxiety and insecurity. This research contributes to the understanding of the phenomena related to the permanence of women in abusive relationships, fomenting debates about the subject.

Keywords: Violence. Abusive Relationship. Behavior Analysis.

LISTA DE TABELAS

Quadro 01 – Dados Sociodemográficos	24
Quadro 02 – Categoria 1- Consciência de estar em uma Relação Abusiva.....	25
Quadro 03 – Categoria 2- Conhecer a relação de ambas as participantes e levantar possíveis padrões comportamentais dos companheiros(as)	26
Quadro 04 – Categoria 3- Consciência de ter sofrido algum tipo de agressão durante o relacionamento.....	27
Quadro 05 – Categoria 4- Comportamentos eliciados pela relação abusiva	28
Quadro 06 – Categoria 5- Contingências mantenedoras sobre a permanência das participantes nos relacionamentos abusivos	29
Quadro 07 – Categoria 6- Sentimentos e Comportamentos que as participantes apresentam atualmente após terem vivenciado um relacionamento Abusivo	30
Quadro 08 – Categoria 7- Sentimento atual em relação ao parceiro(a) abusivo	31
Quadro 09 – Categoria 8- Discriminações de uma Relação Abusiva	32

CEP Comitê de Ética em Pesquisa

CEULP Centro Universitário Luterano de Palmas

SEPSI Serviço Escola de Psicologia

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ULBRA Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. 1 DEFINIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO RELACIONADA AO COMPORTAMENTO ABUSIVO	13
2.1.2 Análise Funcional do Comportamento.....	15
2. 3 PADRÕES COMPORTAMENTAIS	17
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 DESENHO DO ESTUDO.....	21
3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	21
3.3 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA	22
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	22
3.5 VARIÁVEIS.....	22
3.6 INSTRUMENTOS.....	22
3.7 ASPECTOS ÉTICOS	23
3.7.1 Riscos.....	24
3.7.2 Benefícios.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
APÊNDICES.....	40
APÊNDICE A	41
APÊNDICE B	42
APÊNDICE C	45
APÊNDICE D	47
APÊNDICE E	48

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história da nossa sociedade, às mulheres eram atribuídas como o “sexo frágil” e passíveis a submissão masculina. A cultura atual parece ainda naturalizar a ideia de que aos homens é legítimo agredir suas companheiras, visto que, segundo as regras estabelecidas pelo patriarcado as mulheres devem obediência aos seus respectivos cônjuges em diferentes esferas. Para Meneghel e Portella (2017) o feminicídio é a continuidade da dominação masculina sob as mulheres, que está altamente arraigado na nossa sociedade.

Em nossa história é comum a ideia do homem possuir o poder sobre a mulher principalmente se a mesma for sua companheira. Reguant (1996) *apud* Garcia (2011, p. 16) nos traz a definição de patriarcado como:

Forma de organização política, econômica, religiosa, baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres: do marido sobre esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível.

Com o passar do tempo e que as mudanças das configurações de relações tenham mudado, a cultura do patriarcado parece regular hierarquicamente as relações estabelecidas na nossa sociedade. Tal cultura definiu, ao longo do tempo, quais papéis homem e mulher devem empenhar. Como por exemplo podemos citar Dantas-Berger (2005) que afirma que ao homem é designado o papel de ativo nos relacionamentos, já a mulher foi restringida a passividade e a reprodução.

Segundo Chraiber (2003) as agressões de cunho psicológico e físico são resíduos de uma cultura que impõe que tais práticas podem ser consideradas meios de socialização e educação. A violência contra a mulher é diversa e por falta do acesso à informações, as mulheres não conseguem discriminar os tipos de agressões que podem estar expostas. Saffioti (2004, p. 17) entende que a violência se caracteriza “como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”.

Segundo o Mapa da Violência Contra a Mulher (BRASIL, 2015), no ano de 2013 na região norte ocorreram cerca de 6,1 homicídios de mulheres por 100 mil habitantes. Já no Atlas da violência (BRASIL, 2018), no Tocantins em 2016 a estimativa foi de 6,0 homicídios de mulheres a cada 100 mil habitantes. Já no Atlas da Violência (BRASIL, 2018) dados da

violência contra a mulher em nosso país teve um crescimento de 6,4% em dez anos, tendo 4.645 mulheres assassinadas no Brasil que equivale uma taxa 4,5 assassinatos por 100 mil habitantes.

As violências contra as mulheres afetam mulheres de todas classes sociais, idades e etnias. Segundo o artigo 7º no Capítulo II, do título II, da Lei nº 11.340/2006 da lei Maria da Penha, é considerado violência doméstica e familiar contra mulher a violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. A Violência física provoca ferimentos e danos ao corpo da vítima, a violência patrimonial implica em destruir bens materiais, objetos e documentos pessoais, já a violência sexual acontece quando a vítima é obrigada a participar, presenciar ou manter relação sexual não consentida. A Violência moral é caracterizada por calúnia, difamação ou injúria. Na Violência psicológica ou emocional é praticada pelos agressores por meio de xingamentos, desvalorização, humilhações, diminuindo a autoestima da companheira, através da violação dos valores morais da mulher (Lei nº. 11.340/2006).

Em nossa sociedade a população feminina sofre violência em todos os âmbitos seja ele familiar, profissional, social entre outros pelo simples fato de serem mulheres. Segundo Carcedo (2010) cada vez que falamos de violência contra mulher, atribuímos tais expressões de violência praticadas contra mulheres não de maneira circunstancial, mas na condição de discriminação e submissão das mulheres.

Meneghell e Hirakata (2011, p.565) afirmam que “os homicídios decorrentes de conflitos de gênero têm sido denominados femicídios, termo de cunho político e legal para se referir a esse tipo de morte”. Brasil (2015) lei n. 13.104/15 modificou “(...) o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos”.

Mesmo com o crescimento numérico de situações de agressão às mulheres, tal perspectiva ainda é pouco explorada no meio acadêmico. Meneghel *et al.* (2013 p. 524) afirmam que “a mortalidade masculina por agressão tem se mostrado historicamente maior que a feminina, apresentando taxas até dez vezes maiores. Este pode ser um dos motivos pelos quais as mortes femininas por agressão são pouco estudadas”.

São várias as tentativas de compreender o fenômeno da violência contra a mulher; tem-se teorias oriundas da sociologia, antropologia e das ciências sociais, em geral. A Psicologia tem se aproximado de tais discussões em diferentes abordagens. A autora Ruiz (1998 p. 190) destaca que o acercamento da Análise do Comportamento e o Feminismo é de extrema importância para a sociedade, pois:

O momento é propício para behavioristas radicais participarem da discussão sobre questões feministas, que estão entrando em sua quinta década de desenvolvimento. O impacto crescente dos conhecimentos, do ativismo e da política feminista vai continuar sem a nossa entrada, mas, para behavioristas, permanecer em silêncio significaria uma perda para todas. Nossos pontos em comum incluem raízes históricas, visões das possibilidades transformadoras do comportamento humano e o compromisso para criar ambientes ideais para desenvolvimento comportamental. A fusão é, de fato, de interesse para ambas as comunidades (RUIZ, 1998, p. 190).

Para Couto e Dittrich (2017) as produções relacionadas ao tema ainda são mais escassas em português do que em inglês, mas o interesse neste tema vem ganhando espaço nos congressos acadêmicos do nosso país. Na presente pesquisa, optou-se por discutir a temática a partir do viés analítico-comportamental devido ao fato de ser uma perspectiva contextualista.

Segundo a perspectiva analítico-comportamental, baseada nos pressupostos do Behaviorismo Radical de Burrus Frederic Skinner, o comportamento humano pode ser entendido em três níveis: filogenético, ontogenético e cultural. Tais níveis podem ser determinantes nas emissões de comportamentos dos indivíduos. Segundo Moreira e Medeiros (2007) é preciso considerar os níveis de seleção, pois eles têm relação direta com a emissão dos comportamentos e a frequência na qual eles ocorrerão.

Cardoso (1997) afirma a importância do apoio a mulheres que passaram por situação de violência, que haja uma compreensão dos motivos aos quais elas permaneceram com seus agressores, é necessário descobrir a realidade de cada mulher que a faz permanecer sendo subordinada. Ao nível social de abrangência da pesquisa conhecer as variáveis relacionadas a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, nos possibilita uma compreensão dos fenômenos relacionados ao estudo, fomentando assim os debates sobre o assunto, bem como instrumentalizar psicólogos e demais profissionais da saúde para melhor compreensão do fenômeno.

A nível pessoal o interesse da pesquisadora ao tema veio de experiências pessoais onde a rede de apoio teve extrema importância na quebra do ciclo do relacionamento abusivo. A motivação deste trabalho vem da vontade de ajudar mulheres que estão ou estiveram em relacionamentos abusivos.

Portanto, o presente trabalho teve como objetivo identificar as possíveis variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Hirigoyen (2006, p. 16) afirma que “compreender porque se tolera um comportamento intolerável é também compreender como se pode sair dele”. Como perspectiva teórica, utilizou-se a análise do comportamento para o entendimento e leitura do fenômeno supracitado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1 DEFINIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO RELACIONADA AO COMPORTAMENTO ABUSIVO

A Análise do Comportamento selecionou como objeto de estudo o comportamento humano a partir da interação do sujeito com o ambiente. Abreu-Rodrigues e Ribeiro (2005, p. 11), afirmam que “análise do comportamento é uma ciência do comportamento fundamental na filosofia do behaviorismo radical e tem como objetivo o estudo da interação do indivíduo com o ambiente”. Mesmo o comportamento e a subjetividade humana fossem considerados impossíveis de serem estudados cientificamente, Moreira e Medeiros (2007, p. 212) afirmam que, “(...) Skinner trabalhou arduamente em seus laboratórios, mostrando a viabilidade de uma ciência do comportamento e da inclusão dos fenômenos "subjetivos" nessa ciência. ”

Para Skinner, o comportamento não pode ser visto como algo isolado, pois é necessário analisarmos o comportamento sob as contingências na qual ele ocorre e se relacionam entre si. Contingência é:

Uma formulação das interações entre um organismo e seu meio ambiente, para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: 1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, 2) a própria resposta e 3) as consequências reforçadoras. As relações entre elas constituem as ‘contingências de reforço’” (SKINNER, 1975, p.182).

Neno (2003) entende que a análise estará voltada a diversas instâncias de comportamento que será influenciado pela ontogenia, filogenia e cultura. Todo comportamento é desenvolvido nesses três níveis de seleção. O primeiro é o filogenético, que são as predisposições genéticas do organismo onde se incluem os comportamentos respondentes. O segundo é ontogenético, que é a história de vida de cada indivíduo e o terceiro nível é o cultural que está relacionado a valores, crenças e práticas de um determinado grupo de pessoas.

Portanto, a maneira em que nos comportamos no ambiente é essencialmente regulado pelas consequências de nossas ações, levando em consideração os três níveis de seleção. Moreira e Medeiros (2007) afirmam que as consequências do comportamento do sujeito influenciam diretamente a ocorrência de tal comportamento regulando a probabilidade de se repetir futuramente e com que frequência.

Na análise do comportamento existe dois tipos de comportamentos os respondentes e os operantes. Quando falamos de comportamento respondente entendemos que tal comportamento ocorre de forma involuntária sendo essa resposta determinada pelo ambiente ao qual o

organismo está inserido. Segundo Strapasson e Dittrich (2008, pág. 520) “o comportamento que é eliciado é tratado no behaviorismo radical sob o rótulo de comportamento reflexo ou comportamento respondente (porque o organismo responde a um estímulo) e tem sua origem no processo de seleção natural”.

Para Moreira e Medeiros (2007, p. 47) “classificamos como operante aquele comportamento que produz consequências (modificações no ambiente) e é afetado por elas”. Ou seja, todo comportamento realizado pelo organismo é regulado pelas consequências advindas dele. Para Skinner as consequências determinam a probabilidade e a frequência na qual os comportamentos ocorreram. Skinner (2007, p. 130) afirma que:

O condicionamento operante é um segundo tipo de seleção por consequências. Deve ter evoluído em paralelo a dois outros produtos das mesmas contingências de seleção natural – a susceptibilidade ao reforçamento por certos tipos de consequências e um conjunto de comportamentos menos especificamente relacionados a estímulos eliciadores ou liberadores.

Para Passos (2003), o condicionamento operante permite analisar o processo de construção e modificação do meio ao qual o organismo está inserido, pelo repertório de comportamentos operantes no decorrer da sua vida.

Então para fazer a interpretação de um comportamento, deve-se compreender sua função que pode variar de um indivíduo a outro e também devemos levar em consideração as situações na qual o comportamento ocorre e a frequência. Tais funções indicam a aquisição de estímulos apetitivos ou o evitamento de estímulos aversivos (COSTA; MARINHO, 2002).

Moreira e Medeiros (2007) o controle praticado pelos tipos de consequências são aversivos, pois o organismo age com o intuito de que não aconteça algo, isto é, para retirar um estímulo do ambiente ou evitar que ele mesmo aconteça. Para Sidman (1995, p.51),

(...) há três tipos de relações controladoras entre conduta e consequências: reforçamento positivo, reforçamento negativo e punição. Controle por reforçamento positivo é não-coercitivo; coerção entra em cena quando nossas ações são controladas por reforçamento negativo ou punição.

Os controles coercitivos regulam os comportamentos do indivíduo com o objetivo de evitar as consequências aversivas. Portanto, o agressor pode usar do abuso psicológico como uma forma de coagir a vítima e mantê-la submissa ao seu poder. Hirigoyen (2006) afirma que quando o indivíduo pratica uma série de comportamentos que visa rebaixar e humilhar outra pessoa ele está praticando uma violência de cunho psicológico.

(...) é uma violência que segue um roteiro: ela se repete e se reforça com o tempo. Começa com um controle sistemático do outro, depois vêm o ciúme e o assédio e, por fim, as humilhações e a objeção. Tudo para se engrandecer rebaixando o outro”. (HIRIGOYEN, 2006, p. 42).

O abusador pode usar ainda da força física para a obtenção e concretização de seus desejos atendidos. A agressão física na maior parte das vezes acontece quando a mulher se nega ao controle do homem ou quando a mesma se opõe as agressões psicológicas. Devido as agressões físicas deixarem marcas visíveis pelo corpo, é comum que mulheres só reconheçam como um ato de violência as agressões físicas (HIRIGOYEN, 2006).

2.1.2 Análise Funcional do Comportamento

A Análise Funcional é utilizada na abordagem analítico comportamental para investigar as contingências do comportamento, ou seja, identificar os fatores ambientais que antecedem o comportamento e as consequências que influenciam para o comportamento voltar a ocorrer ou diminuir sua frequência.

A análise funcional para Haynes e O'Brien (1990, p. 654) é definida como "a identificação de relações relevantes, controláveis, causais e funcionais aplicáveis a um conjunto específico de comportamentos-alvo para um cliente individual". Para Costa e Marinho (2002) quando se realiza a análise funcional irá decidir qual dado coletar, delimitar o problema, decidir as intervenções para solucionar o problema e avaliará as mudanças.

Para Neno (2003, p. 153),

(...) a análise estará voltada para o reconhecimento da múltipla e complexa rede de determinações de instâncias de comportamento, representada pela ação em diferentes níveis (filogênese, ontogênese e cultura) das conseqüências do comportamento sobre a probabilidade de respostas futuras da mesma classe.

Um dos principais instrumentos conceituais adotado para a estruturação de análises funcionais é o conceito de contingência, introduzido por Skinner em 1938:

(...) É apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las ou ignorá-las. (...) Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso (SKINNER, 1975, p.184).

Para Delitti (1997) o uso da Análise Funcional do comportamento nos permite identificar as variáveis e as contingências que controlam o comportamento do indivíduo, assim nos permitindo levantar hipóteses sobre como tal comportamento foi adquirido e como é feita a manutenção dos comportamentos considerados problemas.

Para a Análise Funcional do comportamento todo comportamento tem uma função, ao utilizarmos essa ferramenta é possível identificar quais são os determinantes para a ocorrência do comportamento. Para Moreira e Medeiros (2007) a análise funcional busca os determinantes eventuais do comportamento que são o resultado da interação entre o organismo e o meio.

Ao realizar uma Análise Funcional de um determinado comportamento o analista levará em conta conceito da tríplice contingência que, indispensavelmente, vai levar em consideração “a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta e as consequências reforçadoras. A interação entre elas são as contingências de reforço” (Skinner, 1969/1980, p. 182).

Os autores Moreira e Medeiros (2007) alertam que a análise do comportamento deve sempre ser funcional e não topográfica, visto que, para encontrar os determinantes do comportamento é necessário encontrar as relações funcionais entre o ambiente e o comportamento.

Segundo Matos (1999, p. 11) “fazer uma análise funcional é identificar o valor de sobrevivência de determinado comportamento”. Todo analista do comportamento acredita que todo comportamento do organismo tem sua funcionalidade no que diz respeito a sua sobrevivência no meio em que está inserido.

Assim, o realizar uma Análise Funcional de determinado comportamento, é levado em consideração toda a vida do organismo, desde sua filogenia a cultura na qual está inserido. Segundo Matos (1999, p. 13), “uma análise funcional leva em conta aspectos do ambiente e a função que o comportamento tem naquele ambiente”. Portanto, é necessário analisar o organismo no contexto ao qual ele está inserido, os antecedentes e consequentes de dado comportamento.

Visto que o homem é um ser que está em constante mudanças e tem influência direta do meio ao qual está inserido o autor Matos (1999, p. 10) afirma que,

Para um funcionalista, comportamentos evoluem (isto é, se modificam) porque têm uma função de utilidade na luta pela sobrevivência do indivíduo; evoluem porque de alguma maneira representam um mecanismo de lidar com ambientes complexos.

Para Matos (1999) os benefícios da realização da Análise Funcional é a identificação das variáveis consideradas importantes para a ocorrência do comportamento, assim permitindo o planejamento de possíveis intervenções. A análise funcional desempenha o papel central nas atividades desenvolvidas por analistas do comportamento seja ela qual for (COSTA; MARINHO, 2002).

Matos (1999) afirma ainda que a análise funcional pode ser realizada a longo prazo, ou seja, em um espaço de tempo entre um evento e outro. E e por não está preocupada na estrutura do comportamento permite que o analista do comportamento obtenha uma explicação histórica.

2. 2 PADRÕES COMPORTAMENTAIS

Os contextos culturais ao qual o sujeito está inserido influenciam diretamente sobre a sua conduta perante a sociedade. Segundo Pereira (2018), o nível de consciência sobre o próprio comportamento e as consequências advindas dele é influenciado pelo grupo social ao qual o sujeito está inserido. Portanto, os comportamentos emitidos pelo indivíduo provém da história de aprendizagem ao qual ele foi exposto durante a sua história de vida.

Ao pontuar sobre práticas culturais, os pesquisadores Souza, Baldwin e Rosa (2000) expõem que o machismo regula as práticas culturais que abrangem características essencialmente masculinas. O machismo tem imposto às mulheres a situações de fragilidade devido estarem diariamente expostas a dominação masculina.

Souza, Baldwin e Rosa (2000) retratam ainda que no Brasil conserva-se no modelo patriarcal onde são naturalizados os crimes praticados contra mulheres. Razera e Falcke (2017) ressaltam que um dos principais focos da violência conjugal é o entendimento a respeito de gênero¹ e os papéis atribuídos a homens e mulheres que podem vincular-se ao de agressor e vítima, respectivamente.

O modelo patriarcal aloca a mulher como a pessoa da relação que deve submissão ao/a seu/sua companheiro/ companheira. E tal modelo respinga na maneira como nos relacionamos. Segundo Falcke *et al* (2009) o homem desempenha na relação o papel de controlador, onde irá manter a mulher sob controle caso as suas ações não sejam tidas como o ideal para a relação.

Os abusadores que agredem suas companheiras de alguma forma não acreditam que estão sendo abusivos. Pereira (2018) afirma que os agressores não julgam sua conduta como abusiva para eles são comportamentos considerados adequados dentro de uma relação. As causas externas que resultam em atitudes abusivas seguem um padrão dentro das relações

Pode ser o estresse (está nervoso devido a preocupações financeiras), uma provocação da mulher (foi ela que causou cólera), e, nesse caso, a agressão se assemelha a um corretivo. Uma outra desculpa alegada pode ser o respeito às regras religiosas ou a hábitos culturais: o homem é o chefe da família e a mulher tem de obedecê-lo. (HIRIGOYEN, 2005, p. 125).

Na continuidade dos papéis determinado à mulher, há o estabelecimento, pela sociedade, a definição do seu lugar, tais como: casar, ser mãe, e cuidar da família. Souza, Baldwin e Rosa (2000) atestam que a busca pelas mulheres de mudar seu papel dentro do

¹ A violência contra a mulher apresenta relação direta com os papéis de gênero, no entanto, não é o foco do trabalho abordar sobre esse assunto.

contexto familiar vem dos deveres que a sociedade impõe que elas façam. Então chegamos ao que o patriarcado descreve o que vem a ser o papel de homens e mulheres para a sociedade, Falcke *et al* (2009 p. 85) afirmam que,

Em nossa sociedade tradicional, esperava-se da mulher delicadeza, subordinação e obediência: era vista como a principal responsável pelo cuidado da casa, do marido e dos filhos. Os homens, por sua vez, eram educados de modo proativo. Considerados os principais provedores e chefes de família, tinham a obrigação de ser fortes e corajosos.

Assim, na cultura do patriarcado, os homens possuem o poder de estabelecer as condutas sociais adequadas, eles recebem a autorização e até mesmo tolerância da sociedade para penalizar quem as desvia (SAFFIOTI, 2001) de forma que os conflitos que ocorrem em relacionamentos amorosos podem se tornar desencadeadores das violências sofridas por mulheres, e que tais conflitos, podem intensificar a ocorrência dos diferentes tipos de agressão. (RAZERA; FALCKE, 2017)

Guerin e Ortolan (2017) em seu estudo nos traz análises através de exemplos reais de violência doméstica de estratégias consideradas inofensivas em relações cotidianas, que com o uso de violência podem se tornar padrões destruidores que não são aceitáveis.

1. Comportamentos e estratégias de homens em relacionamentos abusivos são extensões de comportamentos e estratégias.
2. As estratégias podem começar de muitas maneiras aceitáveis, mas aumentar, especialmente com o uso de violência.
3. Porque eles podem começar suavemente, isso significa que eles podem ser difíceis de detectar no início relacionamentos.
4. Esta abordagem dá esperança de que quando as pessoas estão aprendendo as estratégias "normais" de relacionamentos podem ser avisados sobre possíveis extensões em abuso, e também esperar que as atuais estratégias desadaptativas podem ser reaprendidas.
5. Estratégias que os homens usam para controlar as mulheres podem começar de forma leve, mas claramente maneiras um flagrante desrespeito pelas consequências para o parceiro e o que elas significam para ela.
6. Porque as estratégias que os homens usam para controlar as mulheres podem começar inocentemente, quando eles saem do controle e as primeiras versões podem ser usadas como desculpas: "Eu só estava fazendo isso pelo seu bem!" (GUERIN; ORTOLAN 2017, p. 22)

Alguns autores acreditam que indivíduos que tiveram em sua história de vida acesso ao comportamento de violência no passado, podem vir a acreditar que comportamentos violentos podem ser a solução de conflitos. Colossi, Marasca e Falcke (2015) afirmam que a violência vivida na família nuclear pode impactar a vida do indivíduo para além de suas relações amorosas, mas também em todos os contextos, assim legitimando tal prática como uma forma de resolução de problemas em diversas situações.

Da mesma forma que indivíduos podem apresentar comportamentos agressivos pode estar relacionado ao modelo aprendido no passado, as mulheres que presenciaram agressões em suas famílias de origem podem vir a aceitar agressões de ao/a seu/sua companheiro/companheira. Miller (1999) diz que mulheres que são vítimas de algum de tipo de abuso, e ainda assim permanecem nos relacionamentos, não ficam por desejo, e sim porque se sentem incapazes de partir.

Acredita-se que exista um padrão comportamental que faz com que as vítimas permaneçam em relacionamentos abusivos. A autora Walker (1979) na busca de explicar como acontece a violência entre casais, expôs o ciclo da violência, que faz com que as vítimas tenham dificuldade de romper com seus agressores e denunciá-los.

O Ciclo da Violência segundo Walker (1979) é composto por três fases: a acumulação de tensão, a explosão e lua de mel. Na fase de acumulação de tensão é composta por agressões de cunho verbal, como provocações e ameaças. Na segunda fase o parceiro/parceira agride a vítima fisicamente e/ou psicologicamente, aumentando a frequência e intensidade das agressões. Na terceira fase o agressor faz com que a vítima acredite que nunca mais será agredida, é envolvida por promessas e carinhos que faz com que a mulher tenha esperança que o agressor irá mudar.

Acredita-se que exista uma autorregra² que faz com que as mulheres acreditem que para se sentir completas é necessário que tenham um companheiro (a). Zanella *et al* (2008 p. 265) afirmam que “isto foi associado à socialização feminina tradicional que inculca na mulher o mito de que para ser considerada um ser completo, necessita ter permanentemente um companheiro”. Tal fator pode influenciar com que mulheres permaneçam em relações abusivas devido acreditarem que precisam do companheiro (a).

Para que as mulheres consigam se desvencilhar do relacionamento abusivo é preciso de um conjunto de fatores. Segundo Miller (1999) para a mulher sair de um relacionamento abusivo precisa de: Lugar aonde ir, dinheiro, cuidados com as crianças, ajuda da sociedade, fatores emocionais. A vítima precisa de um local que seja seguro para ficar. Precisam de alguma fonte de renda já que a maioria das mulheres acabam sendo dependentes dos companheiros/companheiros por imposição deles.

Miller (1999) afirma ainda que as mulheres que são mães vão precisar de alguém para cuidar dos filhos enquanto elas vão procurar forma de sustento. E principalmente precisará de ajuda e apoio da sociedade. Por fim, os fatores emocionais são fortes razões que fazem com que

² A autorregra consiste em regras emitidas pelo próprio organismo e podem ter sido aprendida por meio de um falante que seja da sua confiança.

as mulheres desistam de sair dos relacionamentos abusivos, pois as mesmas se encontram fragilizadas, acreditando que o problema é com elas.

Para Day *et al* (2003) a exposição a uma relação abusiva pode gerar consequências a sua saúde física e psicológica.

Dentre os quadros orgânicos resultantes, encontram-se lesões, obesidade, síndrome de dor crônica, distúrbios gastrintestinais, fibromialgia, fumo, invalidez, distúrbios ginecológicos, aborto espontâneo, morte. Muitas vezes, as seqüelas psicológicas do abuso são ainda mais graves que seus efeitos físicos. (DAY 2003 *et al*, p. 16)

O abuso pode acarretar em inúmeras consequências desde físicas a psicológicas, impacta diretamente na vida da mulher . Day *et al* (2003) afirma que a vivência do abuso acaba com a autoestima da mulher além do risco de vir a desenvolver transtornos mentais.

3 METODOLOGIA

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Tratou-se de uma pesquisa aplicada em campo, que segundo Marconi e Lakatos (2003, p.186) é entendida como aquela que busca “(...) conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. As autoras também acrescentam que tal pesquisa constitui-se da observação de acontecimentos e fenômenos que ocorrem na coleta de dados considerado relevante ao estudo.

A natureza da pesquisa é qualitativa. Para Flick (2009, p. 20) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devida à pluralização das esferas da vida”. Silva e Menezes (2001, p. 20) afirmam que é importante considerar, nesse processo, a relação do indivíduo e o seu mundo real, ou seja, o mundo objetivo e subjetivo do indivíduo. Os autores afirmam ainda que “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. ” Assim, como afirma os autores na presente pesquisa foram atribuídos significados aos fenômenos estudados, levando em consideração as relações sociais do fenômeno estudado.

Quanto ao objetivo metodológico tratou-se de uma pesquisa descritiva, pois visou descrever o fenômeno analisado, sem que haja interferências nas relações de causa e efeito nas variáveis presentes no estudo. (APPOLINÁRIO, 2011). O Procedimento Metodológico adotado foi levantamento de campo através de uma entrevista semiestruturada. Visto que este possibilitou à pesquisadora o contato direto com as participantes da pesquisa, conforme descrito por Gil (2008).

3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Serviço-Escola de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA, localizado na Quadra 108 Norte Alameda 2, 12 - Plano Diretor Norte, Palmas – TO. A pesquisa ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2019, após a assinatura da Declaração de Instituição Coparticipante (Apêndice A) e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas.

Os encontros foram marcados com cada participante de forma individual, conforme disponibilidade de horário da pesquisadora e das voluntárias do estudo. Cabe ressaltar que foi respeitado todos os aspectos éticos relacionados ao sigilo e anonimato, portanto, foram utilizadas salas apropriadas para a realização da coleta de dados.

3.3 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA

A presente pesquisa teve como universo mulheres que residem em Palmas- TO, com idade mínima de 18 anos no momento da entrevista e tiveram em suas histórias de vida a exposição à relacionamento abusivo. Por se tratar de uma pesquisa com limitação no tempo e pela a complexidade das análises dos resultados, optou-se pela utilização de amostra com no mínimo 2 (duas) e no máximo 5 (cinco) mulheres que tenham as referidas características e aceitaram participar do estudo. Houve divulgação nas redes sociais (Instagram e Whatsapp) de convite para a participação no estudo, e mediante interesse foi realizado o contato individual por mensagens de texto.

Foram selecionadas as duas primeiras mulheres que tiveram interesse e entraram em contato com a pesquisadora, onde foi visto a disponibilidade de horários, e analisado os critérios de inclusão previstos (item 3.4). Após os procedimentos supracitados, foi realizado um encontro individual da pesquisadora com as participantes. Nesse encontro a participação foi confirmada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B).

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

A pesquisa teve como critério de inclusão mulheres, com idade mínima de 18 anos, residentes de Palmas – TO, que tiveram em suas histórias de vida a exposição à relacionamento abusivo. Quanto aos critérios de exclusão, as participantes que não se sentiram à vontade para recordar suas vivências em relacionamento abusivo, ou que se recusa ter sua entrevista gravada, ou que não tenham disponibilidade de tempo para a realização da pesquisa.

3.5 VARIÁVEIS

Os fatores que puderam influenciar na coleta de dados durante a pesquisa foi a idade das mulheres no momento da entrevista, a orientação sexual, escolaridade, raça, religião, se tem filhos e histórico ocupacional. Considerar terem tido exposição a relacionamentos abusivos, o tempo que tiveram expostas a relacionamento abusivo, o grau de sofrimento (se houver) em relação a recordar essas vivências.

3.6 INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada e posteriormente foi realizado a aplicação do questionário (APÊNDICE C) elaborado pela pesquisadora, com perguntas norteadoaras para a realização da pesquisa. A entrevista foi dividida em dois

momentos, o primeiro com perguntas referentes aos dados sociodemográficos e o segundo momento refere-se à experiência das mulheres em relacionamentos abusivos. As coletas de dados deu-se em um único encontro com a duração de 1 hora cada entrevista.

Para melhor qualidade das anotações e compreensão dos fatos, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcrita integralmente pela pesquisadora acadêmica. Os áudios coletados durante as entrevistas foram excluídos logo após a transcrição. É importante lembrar que foi respeitado cada participante do estudo, e sua subjetividade, como também será resguardado o sigilo das informações coletadas na entrevista.

A partir dos dados coletados foram criadas tabelas com categorias conforme as questões elaboradas na entrevista semiestruturada e análise dos dados com base o referencial da Análise do Comportamento, especificamente a Análise Funcional do Comportamento como ferramenta para compreensão. Tal técnica levou em consideração o contexto ao qual as participantes estiveram inseridas e a função do comportamento que as fizeram permanecer nas relações.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), por se tratar de uma pesquisa com seres humanos. Deste modo, a pesquisadora responsável por meio da assinatura (APÊNDICE E), realizou o cadastro na Plataforma Brasil, cumprindo os aspectos éticos da pesquisa conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Após a aprovação pelo CEP a pesquisa foi iniciada, a pesquisadora fez a divulgação através de redes sociais em busca de participantes para a pesquisa. As participantes foram convidadas a participar do estudo de forma voluntária e, ao interesse, assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que foi lido junto com cada participante. Com a leitura do termo foram explicitados os riscos e os benefícios da pesquisa, e o esclarecimento de possíveis dúvidas que surgirem. Foi garantido o direito de recusa e desistência das participantes em qualquer etapa da pesquisa, sem que ocorra danos, e, o sigilo será preservado, bem como o anonimato das participantes pesquisadas, conforme Resolução 466/12.

No que refere-se ao sigilo acerca de informações pessoais das participantes, a pesquisadora escolheu nomes fictícios baseado em uma série chamada “Até que a Morte nos Separe” disponível na Netflix que trás casos de crimes passionais cometidos no Brasil desde o ano de 1990. É importante afirmar que todas as informações colhidas foram arquivadas em local seguro por um prazo de 5 anos garantido assim a privacidade das participantes.

Após defesa e aprovação pela banca, a pesquisadora acadêmica realizará uma devolutiva com cada participante de forma individual, com o intuito de apresentar os resultados alcançados com o presente estudo.

3.7.1 Riscos

Quanto aos riscos da participação dessa pesquisa foram possíveis desconfortos e manifestações psicológicas ao relembrar suas vivências de seus relacionamentos abusivos. Cada participante ficou livre para interromper a entrevista a qualquer momento caso sentisse algum incômodo. Caso fosse necessário, a pesquisadora esteve disponível para acolher as participantes que por algum motivo sentirem necessidade, além de acompanhá-las aos serviços junto à rede pública ou privada de saúde até que sejam efetivamente atendidas. Apesar dos riscos, estes não foram manifestados no decorrer da coleta de dados acarretando na não necessidade de interromper a entrevista.

Teve como risco ainda o vazamento das entrevistas gravadas e ou exposição das pacientes caso haja a perda de anonimato. Para que não ocorra este contratempo os áudios gravados foram excluídos logo após serem transcritos pela pesquisadora. Apesar dos riscos serem categorizados como média capacidade de surgimento, estes não foram manifestados no decorrer da pesquisa.

3.7.2 Benefícios

De forma direta as participantes poderão confidenciar as suas experiências de forma que haja uma melhor compreensão dos fenômenos que permeiam suas vivências e pensamentos. Por meio da pesquisa é possível promover debates dentro da academia, bem como motivar novos estudos, instrumentalizar outros profissionais da psicologia e da área da saúde para o cuidado de mulheres vítimas de violência, apresentar a profissionais de saúde uma perspectiva a ser considerada no trato de situações de violência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento da coleta de dados foi realizado um levantamento sociodemográfico das participantes da pesquisa, conforme quadro 1. Tendo em vista que as condições econômicas e raciais podem ser agravantes para permanência ou abandono de relações abusivas.

Quadro 1 – Dados Sociodemográficos

Nome Fictício	Idade	Orientação Sexual	Escolaridade	Raça	Profissão
Eloá	27 anos	Lésbica	Ensino Superior completo	Branca	Arquiteta
Ana Claudia	29 anos	Heterossexual	Ensino Superior completo	Branca	Advogada

Ambas as participantes do estudo identificam seus últimos relacionamentos amorosos como abusivo. O tempo de duração do relacionamento da primeira participante (E) foram de aproximadamente 2 anos. Já o da segunda participante (AC) é de 6 anos, visto que a mesma ainda permanece na relação.

Os resultados serão apresentados em categorias de acordo com o andamento de cada entrevista, não seguindo a ordem apresentada, conforme o que é previsto em metodologias que empregam entrevistas semiestruturadas.

A primeira categoria levantada foi referente à consciência sobre estar em uma Relação Abusiva.

Quadro 2- Categoria 1: Consciência de estar em uma Relação Abusiva

<ol style="list-style-type: none"> 1. Eloá relatou que só conseguiu perceber que esteve em um processo abusivo bem próximo do final do relacionamento, durante o relacionamento a mesma relata que percebia que não era um namoro saudável, mas só no final havia entendido que se tratava de um relacionamento abusivo. 2. Ana Claudia acreditava estar em um relacionamento abusivo, mas apresenta incerteza sobre quem é abusivo(a) na relação, devido a mesma relatar que apresenta problemas sérios com ciúmes.
--

Nos últimos anos tem-se observado um aumento no número de notícias veiculadas na imprensa sobre relacionamentos abusivos, debates em programas de televisão ou mesmo de rádio sobre o assunto, ampliando o debate sobre esta temática. Existem movimentos que buscam ajudar mulheres que estejam em condição de violência dentro de seus relacionamentos,

como a rede colaborativa “Metete a Colher³” que busca ajudar mulheres por meio de redes sociais fornecendo apoio e instruções sobre locais que possam ajuda-las. O coletivo⁴ realiza postagens instrutivas levando informações sobre relacionamentos abusivos e matérias sobre violência doméstica.

Podemos observar a partir das falas das participantes que o processo de auto consciência de ter estado em uma relação abusiva acontece muitas vezes no final da relação ou até mesmo não perceber a existência dela. No caso da participante (E) foi possível observar que a mesma conseguiu perceber a existência do abuso no final da relação após todo o desgaste emocional. Embora não exista uma receita pronta para identificar um relacionamento abusivo, existem alguns sinais que podem indicar que a relação venha a se tornar abusiva.

Soares (2005) levantou alguns comportamentos que o(a) companheiro(a) pode emitir antes da relação se tornar abusiva, são eles: comportamentos controladores, envolvimento amoroso rápido, altas expectativas em relação a(o) parceira(o), apresenta uma hipersensibilidade, ou seja, se sentem facilmente ofendido(a) e irritado(a), apresenta ainda maldade com os animais e/ou crianças, podem apresentar também abuso verbal ou negar ter em seu passado a vivência de um relacionamento abusivo responsabilizando a ex companheira(o).

Miller (1999) afirma que os comportamentos abusivos não-físico demoram a serem reconhecidos mesmo o abusador privando a mulher, insultando e a humilhando, talvez a mesma não tenha consciência que aquilo se trata de um abuso. Da mesma maneira, uma mulher pode não reconhecer como abusivo se relacionar com alguém que a faça sempre se sentir desprezível. Segundo Miller (1999) o tormento em que o casal vive faz com que o abuso se mantenha vivo e crescente, até o momento em que a mulher tenha consciência e coloque um ponto final.

Na segunda categoria foi questionado às participantes sobre como foi cada relacionamento com o objetivo de conhecer a relação de ambas as participantes e levantar possíveis padrões comportamentais dos companheiros (as).

Quadro 3 - Categoria 2: Padrões Comportamentais dos (as) companheiros (as)

- | |
|--|
| <p>1. Eloá relatou que não se recorda como ela e a ex companheira se conheceram, mas conta que de início não assumiram o namoro devido ela ter mudado de cidade, depois que ela voltou foi que as duas oficializaram o relacionamento. Afirma que a ex-namorada era muito independente porque morava sozinha e não dependia dos pais para nada, afirma ainda que a ex companheira tinha depressão e muitos problemas, já Eloá morava com os pais e trabalhava. A mesma afirma que sua ex companheira era</p> |
|--|

³ <https://www.facebook.com/appmeteacolher/>

⁴ O Metete a Colher é considerado um coletivo por conseguir alcançar um grande número de pessoas que buscam o mesmo objetivo.

muito insegura e sempre buscava jogar na cara coisas julgadas como erradas por ela, resultando em horas de discussão, sendo que só se resolviam quando Eloá cedia e pedia desculpas.

2. Ana Claudia verbalizou que por frequentar a igreja teve que se casar devido os dois já estarem vivendo juntos “Eles acabaram colocando isso na minha cabeça, e eu que cheguei nele e disse que íamos ter que casar (...)”, afirmou ainda que o companheiro não gostava da igreja que ela frequentava e admite que “ (...) por causa da igreja acabei me precipitando”. Após o casamento Ana Cláudia contou que devido seus ciúmes os dois brigavam algumas vezes o que fazia ela por várias vezes mandar o companheiro embora de casa. Em uma dessas brigas ele saiu de casa, foi onde a participante admite que tinha errado em muitas questões dentro do relacionamento. Os dois permaneceram casados oficialmente por 2 anos. Ana Claudia contou que procurou o companheiro para fazer as pazes “(...) eu fiquei correndo atrás dele pedindo para voltar admitindo ser ignorante com ele e que estava errada. Eu não via isso, mas eu era. Ele ficou me enrolando nesse negócio de voltar e nisso ele já estava se envolvendo com outras meninas (...)”. A participante (AC) relatou que os dois voltaram a morar juntos e se mudaram de estado pois iriam abrir um negócio juntos, mas afirma que a relação entre os dois estava estranha e já não tinha mais nenhum afeto. Durante o tempo que ficou com ele, ela conta que o marido a deixou em casa sozinha para comemorar seu aniversário com um amigo e só retornou dias depois.

As relações abusivas podem ser identificadas de forma geral pela presença do excesso de controle e da dependência emocional. O(a) companheiro(a) abusador(a) apresenta forte influência sobre a companheira fazendo com que a mesma tenha dificuldade de enxergar os comportamentos abusivos. A manutenção da relação acaba se dando por meio de ameaças e chantagem emocional. Para Pereira, Camargo e Aoyama (2018) as relações abusivas são marcadas por comportamentos coercitivos, onde a vítima tende a submeter-se ao companheiro(a).

Pereira, Camargo e Aoyama (2018) afirmam que uma das principais características do relacionamento abusivo é o controle que o(a) companheiro(a) estabelece sobre a mulher fazendo com que a mesma se culpe por suas atitudes se tornando fraca em relação a ele.

O processo de terminar uma relação logo após os primeiros sinais de abuso pode ter o intuito de fazer com que o companheiro(a) venha a refletir sobre suas ações e busque mudanças e não de fato interromper a relação. Para Hirigoyen (2006) as mulheres alimentam por muito tempo a esperança de que seu companheiro mude, espera com que o término da relação faça com que haja uma mudança de comportamento, onde, mesmo distantes apresentam o desejo de ajudar ou desculpar.

Foi perguntado as duas participantes se já sofreram algum tipo de agressão durante o relacionamento, visando analisar o discernimento das participantes em relação a presença ou não de agressão.

Quadro 4 - Categoria 3: Consciência de ter sofrido algum tipo de agressão durante o relacionamento

1. Eloá afirmou que não se sente confortável pensando que sofreu agressão física, “Ela estava muito transtornada, tipo em crise mesmo e teve um momento que eu fui entrar no quarto dela porque ela estava ameaçando se matar, e eu fui entrar no quarto dela, ela estava com uma faca na mão me empurrou contra a parede, isso foi muito pesado para mim porque eu nunca tinha, nunca vivi nenhuma violência desse tipo (...)”. A participante conta que a ex-namorada atribuía todos os seus comportamentos a depressão e os problemas que tinha. Afirma “ela tinha uma relação péssima com a mãe, com a família no geral então acho que ela usava muito esse argumento de que “poxa eu tô aqui muito mal como você faz isso comigo? Me fazer mais mal ainda, você deveria estar me apoiando e tal ”.
2. A participante Ana Claudia afirmou que sofreu agressão psicológica que muitas vezes ele a diminuía. “Em uma das nossas brigas ele me diminuía e falou que eu não era capaz, ele acabou comigo”. Em outro momento relatou que o mesmo a ameaçou de bater, “(...) uma vez ele levantou a mão para mim. Ele diz que não levantou, mas ele levantou sim, levantou até a mão fechada. Tanto que nesse dia eu nem dormir no quarto eu fui dormir no quarto da minha mãe”. Ana Claudia relatou que ele fez isso a ela para que ficasse com medo, conta que muitas vezes já sentiu medo quando estava com ele, relata ainda, sobre um episódio em que o companheiro agrediu seu cachorro.

A violência é caracterizada “qualquer ato embasado em uma situação de gênero na vida pública ou privado, que tenha como resultado dano de natureza física, sexual ou psicológica, incluindo ameaças, coerção ou a privação arbitrária da liberdade”(ADEODATO, 2006, p.2).

Durante as entrevistas foi possível observar que umas as participantes quando questionadas sobre ter sofrido algum tipo de violência, usualmente remetiam à violência física a primeiro momento. “Física? eu não me sinto muito confortável pensando sobre isso” (SIC-Eloá). “Agressão física?” (SIC-Ana Claudia).

A violência psicológica por não deixar marcas expostas muitas vezes passa despercebida diante dessas situações, inclusive no relato de pessoas que tem conhecimento quanto aos tipos de violência. A violência psicológica “é toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa.” (BRASIL, 2001 p.20). Assim podemos classificar todas humilhações, insultos, desvalorização da mulher, manipulação emocional e até mesmo o afastamento de amigos e familiares como violência psicológica.

Diante das ameaças quem é abusado(a) acaba cedendo ao controle do(a) companheiro(a) abusador(a) tornando-se submisso(a) as suas vontades. Em ambas entrevistas pode-se observar que o medo e a insegurança eram presentes nas relações das participantes e influenciava para que as mesmas se mantessem nas relações. Para Miller (1999) a violência psicológica é

caracterizada por comportamentos que objetivam conquistar e manter o controle da mulher na relação.

As ameaças dentro dos relacionamentos abusivos acabam sendo naturalizadas devido a diversos fatores como cultural, emocional ou religiosos. Consequentemente a mulher acaba aceitando tal situação por medo, culpa ou por achar um comportamento natural da relação. Hirigoyen (2005) afirma que existe um padrão de desculpas usadas para justificar a agressão a companheira como o estresse, provocação por parte da parceira, doutrina religiosa ou até mesmo práticas culturais, é destinado ao homem o papel de chefe da família e as mulheres deve obediência.

De acordo com a fala das participantes é possível observar que o abuso do(a) companheiro(a) tinha como objetivo manter as mulheres no relacionamento motivadas pelo medo e pela culpa.

Com o intuito de levantar os comportamentos eliciados pela relação abusiva, foi perguntado as participantes sobre os pensamentos e sentimentos presentes em seus relacionamentos.

Quadro 5 - Categoria 4: Comportamentos eliciados pela relação abusiva

1. Eloá admitiu que estava muito infeliz muito ansiosa e preocupada sem conseguir fazer as coisas. “(...) mais no final eu lembro de eu ficar tão frustrada nas discussões que eu lembro que eu ficava apertando o meu próprio braço que eu ficava roxa depois eu comigo mesma”. Afirmou ainda que, “Me senti muito triste, muito cansada, muito frustrada por não está conseguindo fazer o que eu queria, e ao mesmo tempo culpada pensando que eu podia ajudar, que não me custava, mas custava ne? Mas o sentimento era esse”.
2. Ana Claudia afirmou que no decorrer de todo o processo da relação abusiva a deixou cansada e insegura. Afirmou que, “Depois disso me senti insegura tanto que passei mais 7 meses sem fazer nada, não queria voltar a trabalhar, eu sou muito burra. Só em maio que me chamaram para trabalhar, aí eu fui, mas eu estava muito insegura comigo mesma, tanto que eu estava fazendo algumas coisas erradas de tão insegura que eu estava”. A participante (AC) contou que sente um esgotamento emocional quando fala que, “Hoje eu sou uma pessoa insegura, consigo e esconder minha tristeza as vezes eu tento chorar e não consigo. E as vezes eu desabo mesmo sem querer chorar. E eu acho que tem relação a tudo que passei pois antes eu conseguia me expressar mesmo sendo mais dura, hoje eu tento não expor meus sentimentos, para as pessoas não me achem fraca, ou para não culpar o meu companheiro”.

Visto que as consequências de uma relação abusiva são incalculáveis alguns autores citam alguns comportamentos eliciados após a exposição a um relacionamento abusivo. Como Day *et al* (2003) as consequências psicológicas da exposição ao abuso podem ser grave pois acaba com a autoestima da mulher e a expõe a um risco maior de sofrer transtornos mentais

como depressão, tendência a comportamento suicida, fobias e abuso de drogas. As mulheres podem apresentar uma sensação de inferioridade, solidão, desvalorização, medo e tristeza estão presentes na vida de mulheres mesmo com o término da relação.

A mulher na tentativa de suportar a realidade do seu relacionamento abre mão dos seus sentimentos bem como da sua vontade. Resultando em uma baixa autoestima, desvalorização de si e falta de amor próprio. (MILLER, 1999).

Segundo Cunha (2007) Os danos causados pela violência psicológica podem ser irreparáveis devido não serem facilmente identificado pela vítima, como a violência física, a mulher pode acabar ficando muito tempo exposta a essa violência. O esgotamento emocional é consequência da exposição ao relacionamento abusivo onde a mulher tem que lidar continuamente com acusações e humilhações.

No que refere às contingências mantenedoras sobre a permanência das participantes nos relacionamentos abusivos. Foi perguntando as participantes sobre quais fatores elas acreditam que fizeram permanecer no relacionamento.

Quadro 6 - Categoria 5: Contingências mantenedoras sobre a permanência das participantes nos relacionamentos abusivos

1. Eloá contou que o que fazia ela permanecer no relacionamento era o senso de responsabilidade e de culpa. “Teve muito esse senso de responsabilidade, ela é sozinha no mundo, ela não tem mãe, ela não tem para onde correr, e ela confiou em mim atender e cuidar, e eu a amo também, então tô aqui pra isso. Então teve essa responsabilidade, teve a culpa de eu estou aqui pra isso, então por que eu não tô conseguindo? Devido a ex companheira ter apresentado episódios de crises a participante (E) conta que (...) eu tive a sensação de me sentir presa, pensando em como que eu ia deixar ela nessa situação mas eu não queria ficar aqui, eu não quero ter essa responsabilidade deste tamanho na minha mão não é justo”.
2. Ana Claudia por outro lado contou que seu companheiro é alegre, leva a vida mais leve. “ (...) eu gosto desse jeito dele assim de viver a vida mais leve. Eu tenho até uma certa inveja de quem vive assim. E quando eu tô com ele eu consigo ficar mais leve”. Acrescentou ainda o fator sexual como uma variável mantenedora. “(...) o sexo, eu acho que esse é o principal. A gente se encaixou de um jeito, desde a primeira vez que a gente ficou a gente nunca mais se largou”.

A partir da análise da Categoria 5, exposto no Quadro 6, pode-se perceber que os reforçadores dos relacionamentos das duas participantes diferem, já que uma das mulheres atribui a sua permanência na relação a fatores emocionais, já a outra participante atribui a satisfação sexual.

Day *et al* (2009, p. 16) levanta alguns fatores que influenciam mulheres a permanecer em relacionamentos abusivos como “medo de represália, perda do suporte financeiro,

preocupação com os filhos, dependência emocional e financeira, perda de suporte da família e dos amigos, esperança de que “ele vai mudar um dia” ”.

Para Miller (1999) um dos fatores emocionais que influencia na permanência de mulheres em relacionamentos abusivos é o sentimento de culpa. A participante Eloá relata que o senso de responsabilidade e de culpa as fizeram permanecer na relação. Já a Ana Claudia atribui a sua permanência a esperança que o companheiro venha a mudar seus comportamentos. Além da esperança, para Miller (1999) as mulheres apresentam dificuldade em tomar consciência de que essa situação é insuportável então elas acabam permanecendo até conseguirem ir embora.

Durante a entrevista tiveram perguntas cujo o objetivo era investigar quais os sentimentos e comportamentos que as participantes apresentam atualmente após terem vivenciado um relacionamento abusivo. Na Categoria 6, há a exposição dos sentimentos e comportamentos vivenciados após um relacionamento abusivo. Segundo pesquisas relacionadas por Marques (2005), é comum que haja sentimentos tais como medo, incerteza, retraimento e vergonha.

Quadro 7 - Categoria 6: Sentimentos e Comportamentos que as participantes apresentam atualmente após terem vivenciado um relacionamento Abusivo

1. Eloá contou que ter tido essa experiência trouxe conhecimento. Ela diz que, “(...) trouxe compreensão sobre algumas coisas sobre mim dessa questão de ceder demais e sempre fazer de tudo para outra pessoa ficar bem e não focar muito em mim”. Eloá afirmou ainda que no momento está em um novo relacionamento, contou que (...) no começo principalmente eu lembro de ficar muito nervosa de falar as coisas para ela, eu tinha medo de ficar fora do alcance dela, e de não está prestando conta para ela nem que fosse pelo celular de onde eu estava”.
2. Ana Claudia afirmou que o seu relacionamento a faz sentir-se frágil, “me deixou muito fraca, antes eu era mais forte. Hoje eu tento encaixar a pessoa, eu aceito muito (...) fiquei mais dependente da minha mãe”. A participante apresentou dúvidas ao questionar o motivo ao qual a faz ainda permanecer nessa relação. “Eu me sinto que nem uma palhaça eu fico me perguntando vai ficar nisso até quando?” Por fim Ana Claudia contou que após ter tido um aborto espontâneo após uma discussão com seu companheiro, a situação desencadeou uma hipertensão arterial “(...) desde aquele episódio do aborto minha pressão nunca mais abaixou”. A participante confessou que sentiu certo alívio após a perda, pois acredita que não queria ter um filho com ele. Contou ainda que após o relacionamento passou a apresentar compulsão alimentar “E em questão física eu como que nem uma condenada, antes eu comia por prazer hoje quando eu fico nervosa aí eu como”.

Como foi possível observar a partir dos dados relatados nas entrevistas, a exposição das participantes aos seus respectivos relacionamentos trouxe consequências físicas, psicológicas e até em seus comportamentos. Por meio das falas das participantes observa-se que após o relacionamento abusivo houve mudança de atitude com o intuito de evitar conflitos relacionais com o parceiro(a). Além de mudança comportamentais é possível observar pelas falas das mulheres que essa vivência deixou consequências psicológicas e físicas: “hoje quando eu fico nervosa aí eu como” (SIC- Ana Cláudia). Tal dado analisado, corrobora com a pesquisa de Day *et al* (2003), que trás quadros orgânicos que podem ser desencadeados pela violência como a obesidade e aborto espontâneo.

A participante Ana Claudia relatou na entrevista alguns prejuízos psicológicos no que se refere à autoestima e uma visão deturpada de si mesma. Levando em consideração que a mesma ainda tem uma relação com o ex marido. Day *et al* (2003, p. 16) afirma que a exposição ao relacionamento abusivo acaba com a autoestima da mulher, se tornando mais suscetível a sofrer transtornos mentais, ideações suicidas e abuso de drogas.

Eloá conta que após a vivência em um relacionamento abusivo procurou ajuda profissional que a ajudou a lidar com as consequências geradas por essa vivência. Mesmo com essa ajuda a participante confessa que ainda reproduz alguns comportamentos de quando ainda estava em uma relação abusiva.

Foi perguntado as participantes qual o sentimento delas em relação ao parceiro(a) atualmente, com o intuito de explorar os atuais sentimentos presentes nas participantes.

Quadro 8 - Categoria 7: Sentimento atual em relação ao parceiro (a) abusivo

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Eloá admitiu que atualmente sente um pouco de indiferença em relação a ex-namorada “(...) eu espero que ela esteja melhor e espero que ela esteja lindando melhor com as coisas dela”. 2. Já Ana Claudia declarou que não sabe responder qual o atual sentimento que tem por seu companheiro. Ela afirmou que “será que eu amo mesmo ele? Ou só me sinto atraída, ou só gosta. Não sei”. Quando questionada sobre sentimento considerados negativos, a participante (AC) conta que sente “raiva, ódio eu sinto muito isso”. |
|---|

Eloá ao falar da ex namorada mostra não guardar mágoas e nem um sentimento negativo relacionando a ela. Já a participante Ana Claudia quando questionada sobre seus sentimentos por seu companheiro apresentou dúvida sobre seus sentimentos por ele, mas confessou que apresenta sentimento de raiva e ódio. Durante essa pergunta foi possível perceber o desconforto que a participante (AC) apresentou ao tentar definir seu atual sentimento pelo companheiro.

A última pergunta realizada as participantes foi sobre o que elas diriam a outras mulheres que estão em relacionamentos abusivos. Essa pergunta foi importante para fazer com que as participantes refletissem sobre possíveis diferenciação de uma relação considerada abusiva em relação a outras pessoas.

Quadro 9 - Categoria 8: Capacidade de discriminar/ Identificar a Relação Abusiva

1. A participante Eloá contou que durante seu relacionamento o que mais a ajudou foi o apoio de uma amiga que a ouvia e a fazia refletir sobre os comportamentos emitido durante o relacionamento. “Eu me lembro muito claramente de não adiantar as pessoas falarem nada, não adianta as pessoas falarem “olha isso aí tá errado, sai daí” não adianta, o que me ajudou muito foi essa amiga minha que me ouvia (...)”. Eloá relatou que o mais importante para ajudar alguém que está nessa situação é “estar presente, ouvir e não forçar, reafirmar que tá tudo bem os comportamentos dela, o apoio é mais eficaz do que qualquer coisa que você possa falar”.
2. Ana Claudia por sua vez relatou que “Eu ia dizer sai dessa ou pelo menos tenta porque ele não vai mudar, eu tenho consciência de que não vai mudar ele pode até falar”.

Conforme as respostas das participantes na categoria 8, foi possível observar que ambas participantes tem consciência de que a quebra do ciclo da relação abusiva não é fácil e que esse é um processo individual de cada mulher. Para Soares (2005) sair de uma relação abusiva é um processo individual, ou seja, cada pessoa tem seu tempo.

Ambas as participantes são capazes de perceber como a ajuda de terceiros é importante para a quebra do ciclo do relacionamento abusivo. O rompimento da relação amorosa abusiva é um processo longo e permeado de sofrimento. Soares (2005) afirma que quando a mulher decide deixar o relacionamento abusivo ela tem um enorme caminho a percorrer, pois será necessário preparar-se emocionalmente para colocar um fim na relação, além de preparar-se economicamente e principalmente preparar-se para estar protegida após a saída.

O processo de rompimento pode durar anos, principalmente se a mulher não tiver nenhum apoio. Como podemos observar durante os relatos que a participante Ana Claudia se encontra cansada das idas e vindas com o seu atual companheiro, gerando assim um desgaste emocional.

“E hoje o que eu penso é que eu não sei se eu vou encontrar uma pessoa ou realmente uma pessoa que me faça feliz e que eu possa fazer feliz eu não sei se eu consigo sair de relacionamento com ele, eu não sei se realmente quero sair porque não tem cabimento uma pessoa desde 2016 tá nessa pendenga eu não consigo me entender, nessas horas eu me acho muito burra” (SIC-Ana claudia)

Este comportamento de idas e vindas é característico de quem está em uma relação abusiva, é preciso ajudar a buscar saídas, superar as dificuldades e as indecisões (SOARES ,2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar as possíveis variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. O estudo realizado teve seus objetivos alcançados, embora tenha tido algumas limitações presentes na execução da pesquisa.

Por meio da pesquisa bibliográfica pesquisada e diante dos relatos coletados por meio da pesquisa de campo, foi possível levantar variáveis que resultam na permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Concluiu-se que existe um padrão de comportamento que condiciona a permanência de uma mulher em uma relação abusiva, tal comportamento é reforçado pela esperança do(a) companheiro(a) mudar. Outro dado relevante refere-se à cultura do machismo que está impregnado na forma de as mulheres se relacionarem.

Ambas as participantes tiveram dificuldade em identificar seus relacionamentos como abusivos, segundo a bibliografia estudada essa dificuldade de discriminação é natural quando se é vítima de uma relação abusiva. Outro fator levantado foi a importância de apoio as vítimas de relacionamentos abusivo. Visto que, uma das participantes teve apoio de outras pessoas e procurou ajuda profissional, já a outra participante não teve a mesma assistência e ainda se encontra na relação. É sugerido estudos futuros com esta temática visando conhecer as potências da rede de apoio e acompanhamento profissional na quebra de relacionamentos abusivos.

Foi possível constatar algumas características da relação abusiva, como o controle do(a) abusador(a) para com a companheira por meio da coerção e chantagem emocional. O abusador se aproveita do estado emocional que a companheira se encontra para ter seus desejos atendidos. Faz uso da culpabilização tornando a companheira totalmente desamparada dentro da relação. Durante os relatos as participantes relatam da fragilidade que se encontravam dentro da relação, e por falta de coragem e medo não saíam das relações.

Foi possível identificar o que a literatura apresenta quanto às relações abusivas e suas consequências, pois ambas entrevistadas apresentaram consequências psicológica e físicas após a vivência da relação abusiva, sendo elas: baixa autoestima, ansiedade, insegurança, compulsão alimentar, medo de entrar em novos relacionamentos e reproduzir os mesmos comportamentos.

Mesmo os debates acerca do assunto tenha chegado a mídia e outros veículos de informação, quando se fala em relacionamento abusivo as pessoas relacionam a agressão física, já outras práticas do machismo passam despercebidas dentro dos relacionamentos, já que tal cultura se naturaliza no nosso cotidiano, o que dificulta as vezes a identificação de estar ou não em uma relação abusiva.

A realização dessa pesquisa contribui para compreensão dos fenômenos relacionados à permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, fomentando debates acerca do assunto. Destaco ainda, sobre a importância da visibilidade das diversas formas de relacionamento abusivo sendo ele heterossexual ou homossexual.

REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, Fábio. Dicionário de metodologia científica. 2. Ed. SÃO PAULO: Atlas, 2011. 295 p.
- ABREU-RODRIGUES, J. & RIBEIRO, M. R. (2005). Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação. Porto Alegre: Artmed
- ADEODATO, Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. Disponível em: Acesso em: 04 de outubro de 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- BORGES, N. B., & CASSAS, F. A. (2012). Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos. Porto Alegre: Artmed.
- CARCEDO A. No olvidamos ni aceptamos: Femicidio en Centroamérica 2000-2006. San José: Asociación Centro Feminista de Información y Acción (CEFEMINA); 2010.
- CARDOSO, Nara Maria Batista. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, Andréa et al. (Orgs.). **Psicologia e práticas sociais**. 19. ed. Porto Alegre: Abrasposul, 1997.
- CERQUEIRA Daniel, et al. **Atlas da Violência** (2018) Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf Acesso em: 18 de março de 2019.
- COSTA, Silvana Elisa Gonçalves de Campos; MARINHO, Maria Luiza. Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 19, n. 3, p. 43-54, Dec. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mar. 2019
- CHRAIBER, Lilia et al . Violência vivida: a dor que não tem nome. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 7, n. 12, p. 41-54, Feb. 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Mar. 2019.
- COLOSSI, Patrícia Manozzo; MARASCA, Aline Riboli; FALCKE, Denise. De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. **Psico (Porto Alegre)**, Porto Alegre , v. 46, n. 4, p. 493-502, dez. 2015 . Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712015000400010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20979>.
- COUTO, Aline Guimarães; DITTRICH, Alexandre. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Perspectivas**, São Paulo , v. 8, n. 2, p. 147-158, 2017 .

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482017000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 abr. 2019.
<http://dx.doi.org/10.18761/PAC.2016.047>.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 2, p. 417-425, Apr. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Mar. 2019.

DAY, V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 25, p.9-21, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-81082003000400003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: outubro de 2019.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000300016&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Mar. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000300016>.

Delitti, M. (1997). A análise funcional: O cliente como foco de análise. **In M. Delitti (Org.)**, Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental (Vol 2, pp.37-44). São Paulo: ARBytes.

FALCKE, Denise et al . Violência conjugal: um fenômeno interacional. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 2, n. 2, p. 81-90, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 07 março 2019.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. 1. ed. São Paulo: Claridade, 2011.

GUERIN, Bernard; ORTOLAN, Marcela Comportamento e questões sociais, 26, 5-26 (2017). Doi: 10.5210 / bsi.v.26i0.6804

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIRIGOYEN, Marie - France. A violência no casal: da coação psicológica à agressão física. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 256 p.

Lei n. 11.340. (2006). Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República.

Lei n. 13.104. (2015). Femicídio. Brasília, DF: Presidência da República

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 9, p. 3077-3086, Sept. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002903077&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>.

MENEGHEL, Stela Nazareth; HIRAKATA, Vania Naomi. Femicídios: homicídios femininos no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 45, n. 3, p. 564-574, June 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000300015&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102011000300015>.

MENEGHEL, Stela Nazareth et al . Femicídios: narrativas de crimes de gênero. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 17, n. 46, p. 523-533, Sept. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013000300003>.

MILLER, M. S. (1999). Feridas invisíveis: Abuso não físico contra mulheres. São Paulo: Summus.

MOREIRA, M. B. e MEDEIROS, C. A.; Princípios básicos de análise do comportamento; Porto Alegre: Artmed, 2007.

NENO, S. Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. **Rev. bras. ter. comport. cogn. vol.5 no.2** São Paulo dez.; 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000200006> Acesso: em: 14 de março de 2019.

PEREIRA, D., CAMARGO, V., AOYAMA P. (2018) Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. ISSN: 1517-5545 <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/1026/566>

PASSOS, Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca. A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 195-213, dez. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 mar. 2019.

RAZERA, Josiane; FALCKE, Denise. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 3, p. 543-562, 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2019

RUIZ, M. R. (1998). Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. *The Behavior Analyst*, 21, 179–192.

SAFFIOTI, Heleieth I.B.. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 de Março de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

STRAPASSON, A. B.; e DITTRICH, D.; O Conceito de “Prestar Atenção” para Skinner. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Vol. 24 n. 4, pp. 519-526 Out-Dez; 2008.

SILVA, E.; MENEZES, E. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2001.

SKINNER, B. F. (1975). Contingências de reforço: uma análise teórica. Coleção Os Pensadores, volume 51.

SKINNER, B. F.. Seleção por conseqüências. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129-137, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 mar. 2019.

SKINNER, B. F. (1969/1980). Contingências do Reforço: Uma análise teórica (R. Moreno, trad.). São Paulo: Abril Cultural. Retirado do site www.scribd.com, em 11/02/17

SOARES, B. M. (2005) Enfrentando a violência contra a mulher: orientações práticas para profissionais e voluntários(as). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres – SPM.

TILLY, Louise A. Gênero, História das mulheres e História Social. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu*, n. 3, 1994. pp. 29-62.

WALKER, Lenore E. *The Battered Woman*. Nova Iorque: Harper and Row, 1979.

ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 422 p. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books .

APÊNDICES

APÊNDICE A

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Eu, Lorena Dias de Menezes Lima, abaixo assinado, responsável pela instituição Serviço Escola de Psicologia - SEPSI de Palmas – CEULP/ULBRA, participante no projeto de pesquisa intitulado: Levantamento das variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Análise do Comportamento, que está sendo proposto pela pesquisadora Vanessa Carneiro Santos, acadêmica de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, ____ de _____ de 2019.

Lorena Dias de Menezes Lima

Coordenadora do SEPSI

CRP- 23/1647

APÊNDICE B



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
 AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você, _____, está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa de conclusão de curso intitulada: **Levantamento das variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Análise do Comportamento**. Eu, Vanessa Carneiro Santos, sou a acadêmica pesquisadora do curso de Psicologia, orientada pela Professora Mestre Ruth do Prado Cabral. Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre a pesquisa e, se você tiver interesse, deverá assinar nos campos em que se pede seu nome e assinatura nesse documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas ficará com você. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhum tipo de penalidade.

1. Objetivo geral da pesquisa: Identificar as possíveis variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos.

2. Justificativa: A nível social conhecer as variáveis relacionadas a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, nos possibilita uma maior compreensão dos fenômenos relacionados ao estudo, aumentando assim os debates sobre o assunto e principalmente o alerta a mulheres que possam estar passando pela mesma situação. Além do mais a relevância do tema nos permite ser empáticos com o sofrimento dessas mulheres, assim sendo rede de apoio a todas as mulheres que passam por relacionamentos abusivos.

 Participante

 Acadêmica pesquisadora

 Pesquisadora responsável

3. Procedimentos: Os dados serão coletados por meio de uma entrevista semiestruturada por intermédio de um questionário, com você e com outras mulheres que já experienciaram em sua história de vida relacionamentos abusivos. Em um primeiro momento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será lido e, mediante o seu interesse, assinado. Na sequência haverá a aplicação da entrevista. Para que as informações sejam registradas de modo integral, será utilizado um gravador de áudio, além das anotações que a pesquisadora fará. A gravação de voz é somente para que suas respostas sejam transcritas fielmente e, como todos os aspectos dessa pesquisa, será mantida sua privacidade e a gravação será excluída após a transcrição. O dia e o horário do encontro serão combinados de acordo com a sua e a minha (pesquisadora) disponibilidade de tempo. Será realizado apenas um encontro com você, de forma individual e com duração de no máximo uma hora.

4. Benefícios esperados: Você e as outras participantes desse estudo poderão confidenciar as suas experiências de forma que haja uma melhor compreensão dos fenômenos que permeiam suas vivências e pensamentos. Através dos resultados da pesquisa, outras pessoas poderão ser beneficiadas de forma indireta, pois os dados obtidos motivarão novos estudos, a quem se interessar.

5. Riscos: Quanto aos riscos, é possível que as participantes, ao relembrar suas vivências em relacionamentos abusivos se sintam desconfortáveis ou tristes. Cada participante ficará livre para interromper a entrevista a qualquer momento caso sinta algum incômodo. Caso seja necessário, a pesquisadora estará disponível para acolher as participantes que por algum motivo sentirem necessidade, além de acompanhá-las aos serviços junto à rede pública ou privada de saúde até que sejam efetivamente atendidas. Pode ocorrer ainda o risco de vazamento das entrevistas gravadas e ou exposição das pacientes caso haja a perda de anonimato. Para que não ocorra este contratempo os áudios gravados serão excluídos logo após serem transcritos pela pesquisadora.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

6. Eu, Vanessa Carneiro Santos (acadêmica pesquisadora), juntamente com a Ruth do Prado Cabral (pesquisadora-responsável) nos comprometemos em garantir a você todos os esclarecimentos necessários sobre a metodologia deste estudo, antes e durante toda pesquisa, bem como nos comprometemos com a liberdade que você terá de se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos. Nos

comprometemos ainda com a garantia do sigilo quanto aos seus dados pessoais e confidenciais envolvidos neste estudo, assegurando-lhe absoluta privacidade.

7. Ressarcimento e indenização: os dados referentes à participação na pesquisa serão assumidos por mim, Vanessa Carneiro Santos (acadêmica pesquisadora). Fica garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial. Não há nenhum tipo de remuneração por sua participação, uma vez que se trata de ação voluntária. No entanto, caso haja despesa com transporte decorrente da sua participação na pesquisa, você poderá ser ressarcido do valor gasto pela pesquisadora responsável.

É seu direito ter acesso aos resultados deste estudo, portanto, uma vez encerrada a pesquisa, será feito o contato marcando um encontro com você para apresentá-los.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

CONTATOS

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –

CEPCEULP. Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul - Palmas – TO CEP 77018-900. Telefone: (63) 3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br.

Vanessa Carneiro Santos (Pesquisadora acadêmica)

Endereço: 404 norte, Alameda 9, Lote 16, Palmas – TO.

E-mail: vanessasantos8225@gmail.com

Telefone: (63) 99113-1313

Ruth do Prado Cabral (Pesquisadora responsável)

Endereço: Palmas – TO.

E-mail: ruthpcabral@gmail.com

Telefone: (62) 98109-2120

APÊNDICE C



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Questionário da entrevista semiestruturada da pesquisa intitulada: **Levantamento das variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Análise do Comportamento**

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Orientação Sexual:

Data de Nascimento:

Escolaridade:

Raça:

Religião:

Tem filhos? Se sim, quantos?

Histórico Ocupacional:

QUESTÕES NORTEADORAS PARA A REALIZAÇÃO DA ANÁLISE FUNCIONAL:

1. Quando você percebeu que estava em um relacionamento amoroso abusivo?
2. Como foi esse relacionamento?
3. O que você considera bom e ruim nessa relação?
4. Você já sofreu algum tipo de agressão? Se sim qual/quais?
5. Como você se sentia enquanto permanecia nessa relação?
6. Quais eram seus pensamentos no período que sofreu neste relacionamento?
7. Quanto tempo você permaneceu nesse relacionamento?
8. Quais fatores você acredita que fez você permanecer nessa relação?
9. Você acredita que a violência te afetou de alguma forma?
10. Quando e como você decidiu sair desse relacionamento? Como você se sentiu?
11. Você ainda tem contato com seu antigo parceiro?
12. Como você se sente atualmente após essa vivência?

13. Qual o sentimento que você tem por ele hoje?
14. O que você diria para uma mulher que esteja em um relacionamento abusivo hoje?
15. Você acha que essa vivência trouxe alguma mudança de comportamento/ pensamento ou atitude quando você vai se expor a novos relacionamentos

APÊNDICE D



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
 AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A) DA PESQUISA

Eu, _____, abaixo
 o qualificado(a), DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de
 voluntário(a) da mesma, que fui devidamente esclarecido sobre o Projeto de Pesquisa intitulada:
 LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE
 MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS À LUZ DA ANÁLISE DO
 COMPORTAMENTO, desenvolvido pela Acadêmica Pesquisadora Vanessa Carneiro Santos
 e pela Orientadora e Pesquisadora Responsável Profa. Mestre Ruth do Prado Cabral.

Assim, DECLARO que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora, ter lido
 este Termo e ter entendido o que me foi explicado oralmente e devidamente apresentado neste
 documento, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa rubricando todas as folhas
 deste Termo e assinando a última.

Palmas, ____ de _____ de 2019.

 Assinatura do (a) participante

 Assinatura da Acadêmica Pesquisadora
 Vanessa Carneiro Santos

 Assinatura da Pesquisadora Responsável
 Profa. Me. Ruth do Prado Cabral

APÊNDICE E

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, Ruth do Prado Cabral, abaixo assinada, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE AFETAM A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS À LUZ DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, declaro estar ciente de todos os detalhes inerentes à pesquisa e COMPROMETO-ME a acompanhar todo processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional Ética em Pesquisa - CONEP nº 001/13, especialmente no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. COMPROMETO-ME também a anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo sigilo. Por fim, ASSEGURO que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno só isso, acesso a procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, ____ de _____ de 2019

Ruth do Prado Cabral

Professora/Psicóloga do CEULP/ULBRA

CRP – 09/4814